

Fabrice Hadjadj

RESSURREIÇÃO

Manual de Instruções



EDITORIAL A.O.

Título original

Résurrection – Mode d’emploi
© Magnificat SAS
15-27, Rue Moussorgski, 75018 Paris, 2016
ISBN 978-2-9171-4646-0

Tradução

Maria do Rosário de Castro Pernas

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Gráfica Almondina de Progresso e Vida

Depósito Legal

510066/23

ISBN

978-972-39-0952-4

Janeiro de 2023

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443

www.livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

*A todos os desiludidos de
Suicide, mode d'emploi
e de Comment s'éclater dans sa carrière,
este pequeno guia, eficaz de forma diferente.*

Ah, como seria fantástico, que no instante preciso, no momento exato em que nos sentíssemos cravados de pés e mãos, escapasse, brotasse do caixão um milagroso trinado de flauta! Que surpresa! Que lição para as famílias!... O primeiro homem a morrer não tendo vivido em vão, tendo finalmente surpreendido, entendido todas as graças da primavera! Revolucionário das Sombras! Trovador nos Sepulcros! Bailarino cirandando pelos Antros do Mundo!... Gostaria de ser ele! Que ambição! Nada menos do que isso! Obviamente!

Céline, *Guignol's band I*

Sempre fui crente. O que é bastante compreensível. Provenho de uma família mais para o ateu. Comecei, portanto, por acreditar nos meus pais como se fossem deuses (não tive de deitar por terra o ídolo, ele caiu rapidamente por si mesmo). Também acreditei em Chantal Goya, quando ela cantava: «Esta manhã, um coelho matou um caçador». Acreditei em Actarus, o príncipe de Euphor, que pilotava Goldorack. Acreditei em Charles Ingalls e na sua *Casa na Pradaria* (durante pouco tempo, infelizmente: eu morava no meio das torres de *La Défense*). Depois, acreditei na *playmate* do mês, na *Playboy* (ou *Newlook*,

que significa «novo olhar»). Acreditei que os alimentos cresciam diretamente nas prateleiras dos supermercados (e ainda tenho muita dificuldade em imaginar o tempo real que é necessário para engordar um peru ou para uma maçã amadurecer). Acreditei por um instante que o meu sexo não passava de um género e de uma ficção (mas no instante seguinte vi passar uma rapariga lindíssima e a ficção pareceu-me tão real como uma árvore na primavera). Acreditei na Revolução Francesa e na revolução socialista, embora o meu pai pertencesse apenas à CFDT (Confederação Francesa Democrática do Trabalho)...

Acreditei desde cedo em Nietzsche, certo de que assim estaria *Para além do bem e do mal*, e em Georges Bataille, embora fosse demasiado tímido para me envolver completamente na disciplina da orgia. Acreditei então em Hegel, a fim de tentar recapitular todos os momentos anteriores da minha crença, depois, tendo regressado do «saber absoluto», acreditei em Céline, pregando o evangelho da *Viagem até ao fundo da noite*. Confesso que acreditei, ao mesmo tempo, no Budismo *zen* – e, sentando-me com diretores comerciais e professoras na menopausa, admiti a maravilha do meu vazio íntimo. Em tudo isso, claro, acreditava muito em mim mesmo e acreditava, sobretudo, que não era crente.

Ora, um belo dia, puff!, todo esse misticismo foi arrastado pela torrente da vida. Redescobri que era judeu e francês, acabando por descobrir, pouco depois, em livros antigos escritos em francês, que Deus se fizera judeu. De tal modo que me fiz cristão. E até católico. E assim

pus termo aos tempos da minha grande credulidade, dando início a uma objetividade muito profunda – e humilhante.

Princípio de realidade

A fé num certo carpinteiro galileu chamado Jesus, morto e ressuscitado em Jerusalém «sob Pôncio Pilatos» – quer dizer, numa pequena província do Império, governada por um funcionário da administração romana –, foi muito eficaz para me fazer assentar de novo os pés na terra. Esta fé é demasiado detalhada para nos permitir pairar entre as abstrações das «ciências» ou das «espiritualidades». Sobretudo o facto de a ressurreição ser um princípio de realidade bastante severo. Aqueles que acreditaram n'Ele eram pescadores que sabiam consertar as suas redes, pedreiros capazes de construir catedrais, monges hábeis a limpar e trabalhar os campos, ou seja, pessoas extremamente práticas e concretas. Acreditar no Ressuscitado era para eles tão sólido como plantar trigo ou construir uma basílica romana. E mais sólido ainda, visto que eles se apoiavam nessa fé para erguer a abóbada, à semelhança da espiga.

Os Evangelhos da Páscoa vão todos nesse sentido, completamente contra as nossas quimeras. Inevitavelmente, se pensássemos num homem que tivesse entrado na glória divina, imaginá-lo-íamos a fazer coisas extraordinárias – mais brilhante do que uma vedeta na cerimónia dos Óscares,

fazendo malabarismos com as estrelas, estabelecendo uma tal harmonia que *o lobo habitaria com o cordeiro e a pantera se deitaria com o novilho* (Is 11, 6)¹...

Ora, devemos render-nos à evidência, Jesus ressuscitado não faz nada disso. Fora uma rede de pesca cheia, a transbordar, e uma ascensão a propósito da qual dois homens de branco acalmam a assistência, interpelando-a: *Homens da Galileia, porque estais a olhar para o céu?* (At 1, 11), Ele não faz milagres nenhuns. Ou, se os faz, são milagres do avesso, discretos, reservados, corriqueiros.

Curiosamente, depois da sua ressurreição, Jesus não só resplandece menos do que durante a sua transfiguração no Tabor, mas já nem sequer tem o carisma de antes: Maria Madalena toma-o inicialmente por um simples jardineiro, os discípulos de Emaús, pelo mais ignorante dos habitantes de Jerusalém, os Apóstolos, por uma espécie de pescador aposentado à beira do lago de Tiberíades... Ele atravessou o limiar da morte, voltou a subir dos infernos e faz questão, apesar de tudo, com um pudor inexplicável, de se manifestar como um transeunte qualquer: *Ele próprio apresentou-se no meio deles* (Lc 24, 36; Jo 10, 19.26). Os evangelistas insistem nesta modéstia. *No meio deles*, quer dizer, com uma familiaridade surpreendente, mais

¹ Os textos bíblicos do original são extraídos da tradução da Bíblia de Jerusalém, muitas vezes revistos pelo autor. [Nesta edição, seguimos o mesmo critério. Num caso ou noutro, a versão da Bíblia de Jerusalém em português (do Brasil), foi ajustada para português de Portugal. Foram também tidas em conta as revisões do Autor].

surpreendente do que qualquer aparição fantástica, pois, em tais circunstâncias, era uma aparição fantástica que deveríamos esperar.

E estamos de tal maneira à espera dessa aparição fantástica que já nem sequer lemos o que está escrito: imaginamos que Jesus atravessou as paredes, pronunciou palavras esotéricas, se apresentou como um superpassa-muralhas, aureolado de luz. Mas não. Limitou-se a estar ali. Disse-lhes: *A paz esteja convosco*, o que equivale a dizer «bom-dia». Partiu o pão, comeu peixe grelhado, partilhou com eles a refeição. Comentou-lhes as Escrituras como quem conta, à mesa, uma aventura recente. E, em vez de lhes fazer uma demonstração de força – dobrando, por exemplo, uma barra de ferro só à custa do pensamento – mostrou-lhes as suas chagas. Nos milagres comuns, as chagas desaparecem; aqui, permanecem eternamente.

A realidade como fonte

Afinal, há algo melhor do que fazer coisas extraordinárias: iluminar o ordinário a partir do interior. E Jesus não poderia fazer o contrário, sendo Ele, de facto, o Verbo criador e redentor – o mesmo que cria, o mesmo que salva e o mesmo que salva aquilo que criou, caso contrário não salvaria nada (aqui não se trata de fazer «tábua rasa», mas de preparar uma mesa que assuma o «fruto da terra e do trabalho do homem»). O ordinário, foi Ele que o inventou, como algo que ninguém tinha feito até então.

Como poderia desdenhá-lo? Pelo contrário, Jesus resgata-o, reergue-o e liberta-o da fantasia. É verdade que Ele se deixou levar, aqui e ali, por prodígios impressionantes e até bastante numerosos, como curar doentes pelo simples contacto do seu manto ou alimentar milhares de pessoas famintas com aperitivos insuficientes para duas pessoas. Todavia, devemos reconhecer que, à escala da sua estadia aqui na terra (alguns momentos dos três anos da sua vida pública, em comparação com os seus trinta anos de vida oculta e silenciosa), sobretudo para alguém que é Todo-poderoso, estamos a falar de efeitos bastante limitados. E por uma boa razão! Se Ele fizesse surgir uma cidade inteira do solo, correríamos o risco de esquecer que, antes disso, Ele já estava a criar o universo inteiro. Se tivesse feito telhados com um simples estalar de dedos, acabaríamos por esquecer que Ele já tinha feito muito mais do que isso de uma vez só: criando homens com todos os seus membros que, graças à energia d'Ele recebida, exercem a arte da carpintaria. Com o seu cajado, Moisés consegue abrir o Mar Vermelho. Jesus, enquanto Verbo eterno, é o autor do próprio Mar Vermelho, até à mais pequena centelha da menor das suas vagas, de tal modo que a sua obra mais assombrosa não é fendê-lo com um gesto nem acalmar a tempestade (o que há de mais natural?), mas pedir um copo de água à Samaritana.

Assim, estes poucos milagres acabam sempre por frustrar o espetacular. O Redentor não poderia eclipsar o Criador, porque é um único e o mesmo Deus. Por isso, os seus atos extraordinários não têm por objetivo desviar,

mas reorientar para o ordinário – na sua proveniência e na sua providência insondáveis. Quando Ele dá a vista ao cego, é para que este se maravilhe por poder ver como toda a gente. Quando cura a sogra de Pedro, é para que Pedro possa admirar a sua sogra (milagre ao quadrado). Quando tira Lázaro do sepulcro, é para que Lázaro possa vir a morrer mais uma vez, de verdade.

Os horários dos encontros são necessários para permitir o inesperado dos mesmos, mas nada impede que por vezes sejam derrogados, a fim de dar sentido a uma pontualidade que, sendo forçada, nos poderia parecer mecânica e enfadonha. Um bom diretor de escola que tenha estabelecido um horário poderá, excepcionalmente, suspendê-lo, a fim de organizar uma festinha inesperada onde ele próprio recordará que, se a campainha tocar, não é para que os alunos façam fila, mas para permitir o confronto improvável entre o professor de barbicha e o mau aluno de boné, que, de outro modo, nunca sonhariam encontrar-se. Assim, o milagre só suspende o curso ordinário das coisas para reabrir os nossos olhos fechados pela rotina, revelando o dom que se esconde atrás do seu ritmo de vida habitual. O milagre brota da fonte da realidade mais diretamente do que a própria realidade: esta levanta então as suas saias, deixando entrever a sua originalidade vertiginosa. Não há nada de mais comum do que ter os olhos dentro das respetivas órbitas: já ninguém se admira com isso. Mas quando, por milagre, o cego de nascença começa a ver como toda a gente, a visão revela-se como aquilo que é de verdade:

um dom que vem do Invisível. E assim de seguida, segundo o mesmo procedimento, a sogra surge como uma dádiva do Eterno e a morte como a possibilidade da oferta suprema...

Glória e quotidiano

Estamos a tocar aqui um dos problemas mais importantes da existência, algo que se assemelha à quadratura do círculo e a que poderíamos chamar a reconciliação da glória com o quotidiano. Há sem dúvida uma certa mediocridade em contentarmo-nos com o quotidiano, sem ambicionar minimamente a glória. Contudo, também há uma certa baixeza em alegrarmo-nos com uma glória sob as luzes da ribalta, deixando de sentir reconhecimento pelo sol de cada dia. Quantos artistas encontraram inspiração por se quererem poupar a usar o aspirador? Quantos filósofos forjaram poderosas teorias sobre o Homem por quererem evitar viver com uma mulher? Quantos conquistadores construíram impérios devido à sua incapacidade de cultivar um jardim. Quantos escritores produziram obras-primas por medo de terem de educar crianças. Quanto aos futuros super-humanos, são, obviamente, os mais inaptos de todos. As suas próteses biónicas ignoram a revolução de uma simples carícia ou a felicidade de fabricar um móvel com as próprias mãos. Se desejam ligações permanentes com memórias de mil *petabytes* é porque nunca souberam

olhar as aves do céu nem contemplar os lírios do campo (Mt 6, 26 e 28). E se, graças a um controlo sanitário segundo a segundo, esperam tornar-se imortais, é porque não têm nada a que dar a sua vida (por isso estes imortais viverão menos tempo do que muitos mortais: muito em breve terão vontade de se votar aos últimos progressos da eutanásia). A sua obsessão pelos superpoderes constitui a marca da sua impotência: eles não conseguem conceber o inacreditável do visível, o presente de cada presença, o impressionante de cada impressão, o sensacional de cada sensação...

O Ressuscitado não é um desses super-homens. A sua glória desposa o quotidiano. Mal atinge o cume da perfeição, não encontra nada melhor do que reunir-se de novo com os seus amigos para conversar e comer com eles. Faz questão de se mostrar simplesmente humano e nada mais do que isso bastaria para provar que é Deus (pois um simples humano, acima de tudo, não gostaria de parecer simplesmente humano, teria até a incómoda tendência para procurar a todo o custo *parecer um deus*). O Ressuscitado não faz malabarismos com as estrelas, porque as estrelas já são o seu malabarismo. Não brilha como uma vedeta porque quer iluminar todos os outros rostos. Além disso, já faz com que *o lobo habite com o cordeiro e a pantera se deite com o novilho*, porque envia os seus discípulos *como cordeiros entre lobos* (Lc 10, 3) e concede-me que me deite fielmente com a minha mulher.

Levantar-se de manhã

É esta, portanto, a tese sobre a qual se baseia este livrinho: as aparições do Ressuscitado têm um caráter eminentemente prático. Não são fantasmagorias para fugir ao *hic* e especular sobre lugares distantes; reconduzem-nos ao amor ao próximo, ensinam-nos a ver as coisas *do alto*, quer dizer, não coisas diferentes das que vê o comum dos mortais, mas as mesmas coisas a partir do Espírito. João observa que o essencial está aí: *Ele ainda não tinha recebido o Espírito, porque Jesus ainda não fora glorificado (Jo 7, 39)*. E Jesus explicita-o no seu último discurso antes da Paixão: *É do vosso interesse que eu parta, pois, se não for, o Paráclito não virá a vós; mas, se Eu for, enviá-lo-ei a vós (Jo 16, 7)*.

A Páscoa cumpre-se no Pentecostes. É possível sair do Egito, mas essa libertação seria o maior desastre se cada hebreu só tivesse deixado a escravidão para se transformar num pequeno Faraó. É possível admirar a vitória do Ressuscitado, mas essa ascensão seria a maior queda se o crente só se desfizesse do seu medo da morte para se tornar um monstro de orgulho, desprezar as obras do Criador e ignorar a humildade do Messias. A glorificação de Jesus deve desembocar no desaparecimento do Ressuscitado e no envio do seu Espírito, que faz viver o quotidiano a partir do seu derramamento, a partir do Inefável e rumo a ele.

Os verbos que nós traduzimos solenemente por «ressuscitar» (*egeíro, anistèmi*) remetem, em grego, para ações ordinárias: levantar-se, despertar, pôr-se de pé. O anjo

Gabriel usa-o com José: *Levanta-te, toma o menino e sua mãe* (Mt 2, 13). Jesus, com o paralítico: *Levanta-te, toma o teu leito e anda* (Mc 2, 9). Manter-se sobre as duas pernas, o que há de mais banal? Só um ex-paralítico é capaz de nos recordar que isso é um privilégio. E um privilégio redobrado devido ao facto de juntar ao movimento das pernas o dos braços e de ter passado de acamado a maqueiro (aquilo que o maqueiro habitual esquece muitas vezes, ele que julga estar em posição de socorrista, embora esteja, antes de mais, em posição de socorrido por Deus). Porque o leito que anteriormente transportava o ex-paralítico, transporta-o este agora como insígnia dessa delícia que a nada se pode equiparar. Nisso, é mais forte do que o ciborgue entediado por ter pernas e que pretende ter reatores em vez delas.

Pela mesma ordem de ideias, o que há de mais comum do que ser pai? Ou seja, até o nosso pai o conseguiu! Da mesma forma, acreditamos facilmente que é muito melhor ser especialista num setor particular e de preferência inovador. Contudo, nem José nem Maria trabalham nesse tipo de setor. A sua Sagrada Família recorda-nos que, mais do que a invenção tecnológica ou até artística, a paternidade e a maternidade constituem o feito e a novidade eternos. Os anjos descem do Céu para fazer coisas igualmente banais, mas não mexem um dedo para fabricar uma inteligência artificial superior (a não ser, talvez, para lhe provocar uma avaria).

Quando a máquina se aperfeiçoa, é sobretudo para que nós nos deixemos ficar debaixo dos cobertores a divertir-

mo-nos com filmes de evasão. No entanto, Cristo ressuscita, antes de mais, para que nós nos possamos levantar de manhã, pura e simplesmente, em ação de graças – proeza de que não seria capaz uma máquina de café *Nespresso*.

Manual de instruções deste manual de instruções

Existe uma publicação tristemente célebre intitulada *Suicide, mode d'emploi*: trata-se de um reportório de técnicas bastante rápidas para fazer parar o coração ou saltar o cérebro. Infelizmente, com a ressurreição, não podemos pretender uma tal eficácia. Embora seja relativamente fácil pôr termo à própria vida, é muito mais difícil reativá-la. É impossível alguém sair de debaixo de seis palmos de terra como se estivesse a atirar-se de um sexto andar. Eu sou capaz de eliminar pessoas vivas, não de ressuscitar mortos.

Esta impossibilidade corresponde, porém, a outra impossibilidade muito corrente: a de eu dar a vida a mim próprio. Com efeito, é tão impossível uma pessoa ressuscitar-se como fazer-se nascer a si mesma. No entanto, a verdade é que nascemos – coisa inacreditável para o nosso orgulho! Poderão replicar-me, certamente, que é impossível ao homem tomado como indivíduo fazer-se nascer a si mesmo, mas não ao homem tomado como espécie (pois, como é evidente, nós já fizemos nascer um certo número de crianças), ao passo que ressuscitar é tão impossível à espécie como ao indivíduo. A

isto responderia que a analogia tem certamente os seus limites, mas que, num certo sentido, que não é o menos essencial, nos leva antes à afirmação de que é mais impossível nascer do que ressuscitar, sendo por isso que a tecnologia mais avançada tende a fabricar indivíduos em vez de os deixar nascer – convenhamos, aliás, que disso a podemos desculpar.

Consentir em nascer é mais difícil e mais fundamental, no fundo, do que consentir na ressurreição. Por um lado, nascer de Jeanine e Raymond é menos exaltante do que renascer diretamente de Deus. Por outro lado, acolher a alegria da vida celeste supõe já ter acolhido uma certa alegria de viver, estando ainda na terra e residindo a pouca distância de uma zona industrial e comercial. Porque haveríamos de querer que fosse eterna uma vida que não nos agrada? De que serve o milagre de ressuscitar, se não há a maravilha de ter vindo ao mundo? E, ao mesmo tempo, é a fé nesse milagre que nos impele a reconhecer esta maravilha. Para aceitarmos o nosso nascimento neste lugar e nesta época, com este corpo, que de sonho nada tem, e com este ambiente doloroso, para acabarmos por morrer como um cão, é preciso acreditar, certamente, que existe uma providência por trás de tudo isso. Em última análise, é a ressurreição que faz com que o nascimento não seja vão (as religiões que rejeitam a ressurreição veem geralmente o nascimento como um flagelo e uma queda; e os seus adeptos não se suicidam sobretudo porque a única coisa que poderia satisfazê-los de verdade seria nunca terem nascido). Seja como for, tanto na fé na ressurrei-

reição como no consentimento no próprio nascimento, é a mesma abertura à vida que está em jogo: sendo a vida aquilo que sempre se nos antecipa e surpreende.

Este manual de instruções não permitirá, portanto, que «a coisa funcione» (para isso, mais vale o livro de instruções de um computador ou de um revólver). Pretende apenas manter-nos bem vivos. E, portanto, que o acontecimento prevaleça sobre o resultado, o encontro sobre a receita.

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| <i>Prólogo</i> | 9 |
| Princípio de realidade..... | 11 |
| A realidade como fonte | 13 |
| Glória e quotidiano..... | 16 |
| Levantar-se de manhã | 18 |
| Manual de instruções deste manual de instruções | 20 |
| | |
| I – A bolsa ou a vida | 23 |
| Uma imitação das três virtudes teologais | 26 |
| <i>Trader</i> ou testemunha? | 29 |
| Comprador ou herdeiro? | 32 |
| O virtual e o vivo | 33 |
| Futuro e devir, balanço e memorial | 36 |
| | |
| II – As mulheres miróforas | 39 |
| Ungir o Ungido | 42 |
| O amor como a mirra | 45 |
| A cortesã, a mãe, a mulher | 47 |
| O medo da ressurreição..... | 49 |
| | |
| III – O sudário num lugar à parte | 51 |
| « <i>Faça favor</i> » | 54 |
| Um milagre no vazio | 56 |
| Como uma mãe | 58 |
| Arrumar a casa | 60 |

| | |
|---|-----|
| IV – Vai ver se Eu estou lá..... | 63 |
| Não-reconhecimento..... | 66 |
| Transmitir o intraduzível..... | 68 |
| Inversão do Éden | 70 |
| O problema da Encarnação..... | 72 |
| Para nos abrir os olhos..... | 74 |
| O maior no mais pequeno..... | 76 |
| | |
| V – Tendes algo que se coma? | 79 |
| Segredo de beleza | 82 |
| Dependência e assunção..... | 84 |
| A lei da mesa..... | 87 |
| Quem come a minha carne e bebe o meu sangue... .. | 89 |
| | |
| VI – Segundo as Escrituras | 93 |
| Mensagem vazia e presença ilegível..... | 96 |
| A ascendência antes da Ascensão | 98 |
| Aquele que resume e resgata a História..... | 100 |
| Deixar-se ler pela Bíblia..... | 103 |
| | |
| VII – Quase sem fôlego: dizer bom-dia e perdão | 107 |
| Contra o dualismo devoto..... | 112 |
| A cura: dizer bom-dia com verdade | 113 |
| Tão sobrenatural e tão quotidiano | 114 |
| Quanto mais verdade, mais necessidade de perdão... .. | 116 |
| | |
| VIII – Mete a tua mão no meu lado | 121 |
| «Eu sou como São Tomé...»..... | 124 |
| Um fanático..... | 125 |
| Chagas eternas | 127 |
| Se se negasse um único facto deste mundo | 129 |
| Aquele que duvidou de boa-fé..... | 131 |

| | |
|---|-----|
| IX – Regresso à pesca | 135 |
| E o Verbo fez-se carpinteiro..... | 139 |
| O homem mediático e o homem medieval..... | 141 |
| O Pai vinhateiro..... | 143 |
| Pescadores de pecadores | 145 |
| X – Indignidade pontifical | 149 |
| Tripla perturbação..... | 152 |
| A alegria de se sentir indigno..... | 155 |
| A felicidade de se acusar a si mesmo | 157 |
| Ser (Santo) Pai | 159 |
| XI – A todas as criaturas | 163 |
| Se é uma criatura... .. | 167 |
| Tudo n'Ele subsiste | 169 |
| Voltas e reviravoltas da Providência | 171 |
| O mundo inteiro e o reino do próximo | 174 |
| XII – Oferecer a cabeça à decapitação (ou o corpo à lapidação) | 177 |
| Estêvão, Saulo e Ananias | 181 |
| Fazer um brinde..... | 183 |
| Poder da oração..... | 185 |
| Mais radical do que um jihadista..... | 187 |
| <i>Epílogo</i> | 189 |
| Para que sejamos humanos..... | 190 |
| Frente às contra-anúnciões..... | 192 |
| As aparições do Ressuscitado como a nossa tentação no deserto | 194 |
| <i>Índice</i> | 197 |